

DA FALTA DE SORTE NO AMOR AO TRABALHO DOMÉSTICOS INVISIBILIZADO: A TRAJETÓRIA FEMININA NA COLEÇÃO DE HELENA SANGIRARDI (1968)

ALICE DA CONCEIÇÃO TEIXEIRA;¹
LOUISE PRADO ALFONSO²

¹Universidade Federal de Pelotas– teixeiraalice97@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este texto busca apresentar as primeiras reflexões de minha pesquisa de mestrado intitulada “A construção e manutenção do ideário feminino através da arquitetura: um estudo sobre cozinhas e mulheres”, que está sendo desenvolvida no programa de Pós- Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas - PROGRAU. Os resultados que aqui serão apresentados foram alcançados a partir das reflexões e de uma pesquisa autoral realizadas na disciplina de Família e Parentesco, para a qual realizei como trabalho final uma produção audiovisual. Destaco que a disciplina mencionada é vinculada à Pós-graduação em Antropologia da UFPel mas foi oferecida como optativa para o PROGRAU.

O vídeo aborda uma construção social do papel das mulheres, vinculadas ao ambiente doméstico e voltadas à constituição familiar. Usei como sua principal referência a Coleção Feminina de Helena Sangirardi, composta por seis volumes, lançados em 1968. Isto é, somente há cinquenta e três anos atrás. Ao longo da coleção, cujo principal público alvo são as mulheres, Helena ensina como conquistar o pretendente ideal, como cuidar do mesmo, como construir e como manter uma família, descrevendo e caracterizando as “atitudes adequadas” que as mulheres devem desempenhar para obter “êxito” no amor e na vida familiar.

Esse vídeo também foi embasado em uma produção de Martha Rosler, de 1975, chamada de “Semiotics of the Kitchen”. O objetivo principal é representar os ideais de mulher e família apresentados por Helena Sangirardi para, a partir deles, discutir outras questões como: Que representação de família é essa e a quem representa? Qual é o papel da mulher dentro dessa representação familiar? A concepção binária de gênero é ressaltada? O trabalho doméstico feminino é invisibilizado e não remunerado? Outras configurações de família aparecem? Casamento seria uma possibilidade ou uma sentença? Maternidade aparece como um elemento legitimador social?

2. METODOLOGIA

A leitura e análise dessa coleção me fez perceber que esses livros constroem no imaginário das leitoras, uma vez que como o próprio título da coleção sugere, os livros são voltados para o público feminino, duas concepções: a primeira faz referência à mulher ideal e a segunda refere-se à família ideal. Para compilar as ideias ali representadas e afim de levar de forma interativa essa análise para a pesquisa, produzi um vídeo, que foi elaborado em casa e não possui caráter profissional. Ele inicia com uma referência à ausência de um elemento simbólico para o casamento, a aliança, onde sua ausência faz referência ao estado civil solteira. A seguir, a personagem começa a ler a Coleção Feminina, após ler,

considerar e colocar em prática as dicas da autora, a personagem surge com uma aliança, simbolizando então o casamento.

A seguir, a personagem, cujo nome não importa, pois é apenas uma representante do gênero feminino, passa a cuidar do pretendente ideal que conquistou, o seu marido. O que passa a ser representada no vídeo então, é uma sequência de trabalhos domésticos realizados pelas mulheres, de forma não remunerada, descritos como tarefas femininas. Ou dicas de como agradar o seu marido, ao longo dos volumes aparecem de forma incessante.

A personagem ainda, fica à espera da “cegonha”, pois segundo esses livros, é a chegada de um filho, um menino ou uma menina, que consolidará a família. No entanto, a encenação acaba e a cegonha não chega para esta mulher. E é nesse momento que ressalto as diferentes possibilidades de família, as diferentes formas de ser uma mulher, que o trabalho doméstico não possui gênero e é responsabilidade de todos, que as pessoas não precisam se encaixar em uma concepção binária de gênero, que o casamento pode não ser uma opção para várias pessoas, que não ter filhos não faz uma mulher menos mulher, nem a ausência de filhos impede um casal de configurar uma família, entre outras questões.

O vídeo foi interpretado pela autora, em sua casa, utilizando utensílios domésticos já pertencentes à casa, foi filmado por Luiza Rosa, em um aparelho celular e editado por Vanessa Ávila, no programa Adobe Premiere. Reyna (1996, p.01) aponta que, “Desde a sua invenção, as imagens em movimento vêm sendo utilizadas de diferentes maneiras. Tanto como ferramenta de pesquisa nos fenômenos culturais, quanto instrumento para ilustração e difusão das pesquisas. A práxis videográfica precisa de propostas metodológicas que possam ir muito além da simples utilização das imagens animadas como instrumento de registro.”, assim o audiovisual é uma ferramenta que possibilita a pesquisa e a análise sobre fenômenos culturais.

O link para acesso do vídeo no YouTube é: <https://youtu.be/WdE-86vs208>.

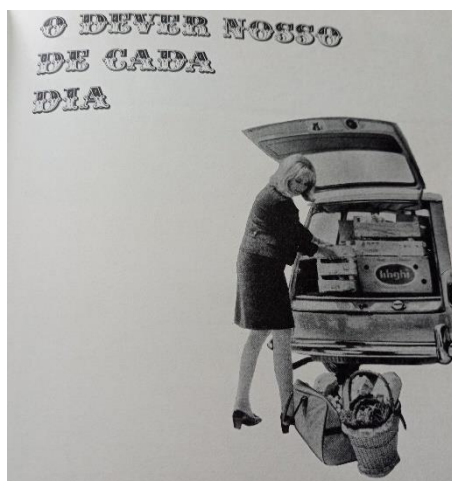
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse trabalho me possibilitou trazer, por meio de uma representação literária um debate social para a Arquitetura, que perpassa papéis sociais de gênero, o espaço doméstico e o cotidiano familiar. Através desse vídeo, evidenciei as atividades domésticas, historicamente postas a cargo das mulheres, o mito do amor materno, representações de gênero fálicas, e uma crítica à ideia de família que perpassa a imaginação da maioria das pessoas.

Essa produção além de contribuir para a minha pesquisa acadêmica, pois me permitiu compreender um pouco da construção do dito papel feminino, que mais tarde reflete, inclusive, na consolidação dos espaços físicos das casas, incluindo as cozinhas, contribui para que nós mulheres possamos refletir sobre o nosso papel atual na sociedade, uma vez que os resultados dessas ideias para as mulheres ao longo do tempo e as formas de alteração destas ideias estão arraigados em nosso meio.

A representação de uma mulher casada e suas ocupações, na Coleção Feminina, representam e retratam sobretudo uma trabalhadora doméstica, como podemos observar nas imagens a seguir:

Figura 1: o dever nosso de cada dia



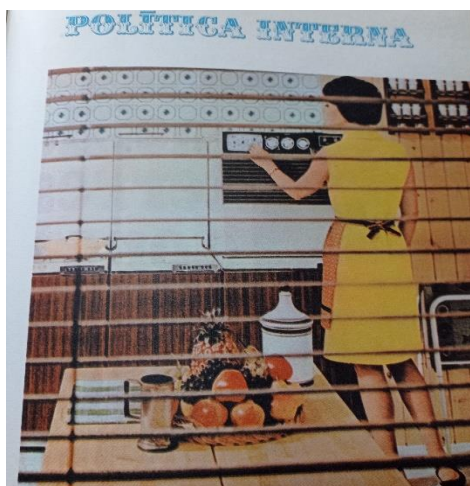
Fonte: Coleção Feminina, 1968, v. IV, p.121.

Figura 2: mulher passando roupa.



Fonte: Coleção Feminina, 1968, v. IV, p.125.

Figura 3: Política interna



Fonte: Coleção Feminina, 1968, v. IV, p.123.

Ainda, é importante destacar que as produções audiovisuais são de extrema importância no meio acadêmico, pois elas representam um acesso mais rápido às pesquisas, reflexões e produções acadêmicas, elas são uma ferramenta de fácil acesso da população em geral e chamam a atenção das pessoas. Esse vídeo foi apresentado em aula, durante o primeiro semestre deste ano e o retorno de colegas foi bastante positivo, em geral me parabenizaram pela produção do vídeo e acharam o mesmo criativo e real.

E nesse sentido, debates sobre gênero, papéis e construções sociais e aspectos do cotidiano em geral, que envolvam pessoas se fazem urgentes na arquitetura, pois essa é uma ciência que ainda está muito voltada para a técnica. A arquitetura precisa voltar o seu olhar para as pessoas, pois são elas que consomem, legitimam e dão sentido as suas produções, e é nesse processo de escuta e observação do outro que as disciplinas da antropologia auxiliam na formação de arquitetos e arquitetas

4. CONCLUSÕES

O presente trabalho considerou a forma audiovisual, uma proposta lúdica, acessível e efetiva para questionar os ideais de mulher e de família, descritos pela autora Helena Sangirardi e de evidenciar que, ainda hoje, carregamos ideias patriarcais a respeito de ambas as concepções.

A pesquisa buscou ainda evidenciar a sobrecarga de trabalho doméstico invisibilizado e não remunerado que as mulheres carregam dentro de suas próprias residências, e que reflete até hoje no cotidiano das trabalhadoras domésticas, profissionais que possuem grande dificuldade para terem seus direitos trabalhistas.

Busquei questionar o casamento enquanto realização máxima e responsabilidade feminina, busquei mostrar que mulher e mãe não são sinônimas e que a maternidade não é uma vocação feminina, tão pouco é obrigatória ou torna alguém “mais mulher”. A família, não é uma construção única e estática, diferentes representações familiares existem, bem como diferentes formas de vivenciar esse grupo, que não se caracteriza só por laços consanguíneos.

A leitura e análise dessa coleção, embasaram essa produção audiovisual, que tem se demonstrado fundamental para a minha compreensão sobre a construção e manutenção do papel social feminino, especialmente em relação à casa e à família.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro:

SANGIRARDI, H. **Coleção Feminina**, Ed. Samambaia 1968, v.I, II, III, V, VI.

Artigo:

REYNA, C. F. P. VÍDEO E PESQUISA ANTROPOLÓGICA: ENCONSTROS E DESENCONTROS. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v.?, n.6, p. 255-267, 1996.